MÚSICA AFRICANA E SUAS CULTURAS NO APRENDIZADO NA INFÂNCIA BRASILEIRA: A CASA ENCANTADA E OS DESAFIOS

Marcelino Clode N'Cabna[1]
Francisco Gabriel Pereira Nascimento Farias[2]
Ineildes Calheiro Dos Santos[3]

RESUMO

Com o objetivo de apresentar a musicalidade como meio educativo e cultural de Guiné-Bissau e esta ferramenta como alternativa de conhecimento básico de África na infância, o presente texto se insere no campo do Eixo “Matrizes e Culturas africanas”, no contexto de atividade de Estágio no Projeto CIADI/Casa Encantada (UNILAB). Nesta, beneficia-se crianças moradores do Maciço de Baturité (Redenção/Acarape). Será discutido as temáticas: cultura africana e raça, através da atividade musical, no contexto da educação na Casa Encantada, destacando possibilidades, ganhos, dificuldades e desafios. Destaca-se a música africana como método de educação e desenvolvimento sociocultural na infância, trazendo elementos básicos de África, enfatizando a prática pedagógica lúdica e envolvente, com estilos musicais africanos, partindo da Guiné-Bissau. As abordagens se darão observando os seguintes contextos: o corpo criativo e como expressão, comunicação e linguagens na infância; as impressões culturais nas atividades de estágio no CIADI e os impactos para educadores do sexo masculino e africano. Nos resultados, se revela que as culturas brasileiras e africanas são impactadas pelo racismo. Estas crianças apresentam comportamentos pautados em valorização/desvalorização racial com base na cor da pele, em que se evidencia a força da racialização no Brasil, bem como, o estranhamento das crianças em relação ao educador: homem negro-africano.

Palavras-chave: música africana; infância; CIADI.

INSTITUTO DE HUMAIDADES, UNILAB, Discente, ncabnaclode1992@gmail.com[1]
Instituto de humanidades, Unilab , Discente, gabrielfarias@aluno.unilab.edu.br[2]
IH. Unilab. Docente externa/pesquisadora, UNILAB, Docente, ildafrica@yahoo.com.br[3]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

Criada em 2014, a “Casa Encantada” busca alternativas de educação na infância por meio de eixos que centram-se em educação, cultura, ludicidade e saúde, dentre outros, tendo como base a terra, a vida e a sociedade. Como o nome expressa – A “Casa Encantada” é um espaço infantil, sendo o nome fantasia do projeto CIADI - Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil, pensado para o desenvolvimento de crianças e surgiu de projeto de extensão, ensino e pesquisa, visando dar apoio aos pais e mães residentes do maciço de Baturité (Caiado, et al, 2021), que inclui Redenção, Acarape e entorno, e funciona em Redenção.
Conforme as autoras citadas, o CIADI foi criado em 2014 em parceria com a prefeitura de Redenção/CE, atua pedagogicamente e interdisciplinar, por meio de eixos que variam semestralmente e de acordo com as especialidades das/dos docentes. Os Eixos não são fixos e os mais atuais são: músicalidade; Artes; Ludicidade; Educação Ambiental e Matrizes Africanas.
O projeto é constituído por docentes colaboradores e educadores estudantes de graduação, bolsistas e/ou voluntários, a maioria da UNUILAB. As docentes coordenam os eixos, dão formação aos educadores e fazem outras atividades, e os educadores, são de cursos divergentes devido o caráter interdisciplinar do programa. É pertinente e relevante esse estudo, que foca a música africana, contribuindo na educação das crianças do CIADI, através de culturas guineenses relatadas neste estudo.

METODOLOGIA

A metodologia, qualitativa, exploratória, se dará atraves de observação dos fatos ocorridos entre educadores e crianças e entre as próprias crianças na Casa Encantada/CIAD, sendo apresentadas o papel da música neste contexto e se reflete como método de desenvolvimento e para os conhecimentos de culturas africanas, enfatizando a prática pedagógica lúdica e envolvente com estilos musicais africanos, tendo como país de base a Guiné-Bissau.
Teoricamente este texto se fundamenta nos estudos africanos, afro-brasileiros e de educação, refletindo na docência, pautando-se na problemática da desvalorização racial e africana flagrada neste contexto, sendo a musicalidade no contexto africano utilizada para educar com base no convívio, no bom viver.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação na Guiné-Bissau é destacada nos estudos, sendo precária. Samba-Sané (2018) aborda os desafios da educação guineense. São vários os problemas, culminando com uma taxa de repetência, desistência e baixo nível de escolaridade, conforme destaca Semedo (2011 apud Sené, 2018). Nesse sentido a música se insere como um elemento importante de conhecimento e educação no citado país, por trazer

ISSN: 2447-6161

benefícios sociais e humanos e a experiência é o principal aliado para esta prática. Desde a infância os guineenses são educados com a música sendo uma importante ferramenta.

Para pensar os benefícios educativos proveniente da música, vale destacar que a musicalidade como educação, não se resume em cântico ou na prática do cantar. É para além. Cantar é comunicação e linguagem, é expressão, pois, a simbologia é marcante na música, que é ritmo, linguagem sonora e envolve um conjunto de fatores: energia, afeto, sentimento, alegria, corpo, instrumentos, percepção e vontade. Canta-se individualmente, canta-se coletivamente e encanta.

É importante destacar que a música em Guiné-Bissau é uma ferramenta fundamental na infância, pois contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor das crianças. Por estes benefícios e sendo elemento de tradição, a musicalidade se constitui como elemento artístico cultural africano.

Essa ferramenta pedagógica em conexão com a contação de histórias, foi inserida na Casa encantada no eixo matrizes e cultura africana, e através da música as crianças aprendem sobre estas culturas desprovida de estereótipos e negatividades, no entanto, os estereótipos negativos em relação aos negros, aparecem nas suas expressões, seja de forma direta, seja corporal, com recusas e atitudes, comportamentos que devem ser considerados. Haja vista que as idades dos/das educandas são de 3 a 7 anos.

De forma lúdica, cantada, contada e ritmada (tocada), tem sido efetivado conhecimentos sobre as culturas africanas, para as crianças (e de certa forma, para os seus respeonsáveis também), desmitificando narrativas de cunho desvalorativo disseminado no mundo, como por exemplo: que a África, o continente, é reduzido a um país, sem considerar que se trata de mais de 50 paises; e a narrativa da cultura única. Não há uma única cultura, uma única história, como frisa a nigeriana Adichie (2019) sobre a subalternidade dos países africanos por países ocidentais. Para a autora, a história única é perigosa. Não há um único povo, há diversas etnias, cada uma com sua forma própria de ser e viver. Nesse sentido, Guiné-Bissau tem a cultura musical pedagógica grafada na unidade, coletividade, sendo comum as comunidades em formas de associações, as igrejas e outras instituições constituírem projetos musicais nas várias etapas de desenvolvimento humano: infância, adolescência e juventude.

A música atua nos comportamentos, nas relações sociais, no construto da família, considerando os arranjos familiares de Bissau, que se pauta em um grande grupo, famílias extensas, constituídas por várias mães, tios, irmãos, sobrinhos e agregados que se tornam irmãos, e, na maioria das famílias todos vivem juntos em uma única casa. Obviamente que viver juntos, comer juntos e o compartilhamento em geral, não quer dizer que a harmonia no lar é uma constante, pois tem sido quebrada a tradição, nesse sentido, os problemas são muitos. E em se tratando de relações e culturas, as crianças guineenses são educadas respeitando professores, sendo uma imagem respeitosa neste país.

O fato é que, as pessoas africanas, em particular os estudantes, ao chegarem no Brasil, defrontam-se com os modos de vida similar aos ocidentais e com a força da racialização e o racismo no construto sociocultural brasileiro, sendo impactante, havendo um estranhamento diante da realidade cultural do país.

ISSN: 2447-6161

Desta forma, diferente de Guiné-Bissau, ser educador de crianças, sendo homem, negro-africano, torna-se um desafio no Brasil, e a Casa Encantada, como recorte metodológico, revela esse problema. Dentre os desafios há falta de materiais, instrumentos musicais que ajudam a explorar diferentes ritmos, sons e melodias e a falta deste recurso dificulta explorar as atividades e os conhecimentos, limitando as possibilidades. Desta forma, ao utilizar a música como ferramenta de educação, a arte tem sido um potencial elemento na construção pedagógica. O corpo, a voz, a ludicidade, insirindo a voz como instrumento e um recurso artístico possível e muito utilizado em Guiné-Bissau. A potência da voz.

CONCLUSÕES

O texto apresentou de forma sucinta como tem sido utilizada a musicalidade pedagógica no Eixo de “Culturas e matrizes africanas” nas atividades da Casa Encantada, comparando com essas atividades em Guiné-Bissau, sendo um recurso educativo, destacando os aspectos culturais africanos, ao introduzir músicas guineenses e outras, buscando a valorização negra e africana. E reflete que tem sido impactante atuar com as crianças, que apresentam na infância preconceitos raciais e não aceitação de si mesma, negra, de sua estética, cor e características físicas negro-africanas.
As crianças têm mostrado, nas relações e comportamentos, a cor negra como fator negativo no Brasil, e algumas delas rejeitam educadores negros, deixando explícito se tratar da cor da pele. Até mesmo reagem com violência física, batendo em educador negro. Detectando-se um choque cultural Àfrica/Brasil, pelo viés da raça.
Em envolvimento com temáticas raciais, como formações ocorridas na casa encantada/Ciad, os debates na Universidade e disciplinas, elucidou-se o motivo: o racismo no Brasil, sendo o país brasileiro construído socialmente por meio de tensionamentos raciais. Este problema parece afetar as crianças ao expressarem rejeição baseada na cor da pele, e, por vezes, se autodenegam quando são de pele preta, e quando são de pele clara entendem ser bonito/bonita.
Pelo exposto, que são resultados de observações, equivocadamente entendem que os valores humanos passam pela tonalidade da cor da pele, sendo um desafio para os educadores atuarem nessas intervenções, sendo necessária a educação étnicorracial na formação, como preparaçao e suporte para atuar na educação.Educar combatendo esses elementos negativos pautados na raça, que aparecem nos comportamentos das crianças e nestas relações: educandos-educador; educando-educando.
Por fim, apesar dos obstáculos, a música africana tem influenciado positivamente, e ao trazê-la para a educação na Casa Encantada tem sido eficaz, atuando no contexto da valorização africana, da raça e, em especial do homem negro africano. Esse, que causa estranhamento como educador infantil no Brasil.

AGRADECIMENTOS

ISSN: 2447-6161

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda, Nigoze. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CAIADO, Ana Paula, S. et al. Semeando a terra e colhendo baobás: seis anos do Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento. In: MONTEIRO, Artemisa O. C.; LIMA, Ivan. C. (Orgs.). UNILAB 10 anos: Experiências, desafios e perspectivas de uma Universidade Internacional com a África e Timor - Leste no interior da Bahia e do Ceará. Vol 1. [Eletrônico] Fortaleza: Imprece, 2021, pp. 84-99.

SAMBA-SANÉ. Os desafios da educação em Guiné-Bissau. Revista Temas em Educação. João Pessoa, Brasil. v. 27, n.1, p.55-77, jan/jun, 2018.

SEMEDO, Odete Costa. Guiné-Bissau: histórias, culturas, sociedade e literatura. Belo Horizonte: Nadyala, 2011.

ISSN: 2447-6161